

A HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NA CIDADE DO RIO GRANDE-RS

Simone Sola Bobadilho

Universidade Federal de Pelotas
Mestranda no Programa de Pós- graduação
Memória Social e Patrimônio cultural
simonebobadilho@yahoo.com.br

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Universidade Federal de Pelotas
Orientadora: Professora Doutora do Programa de
Pós- graduação Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural
leticiamazzucchi@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como cenário a cidade do Rio Grande (RS), a qual está situada a Fábrica Rheingantz. Apresentamos a proposta de emprego da metodologia de História oral na realização do estudo sobre patrimônio industrial. Abordamos os conceitos sobre história oral, a sua utilização em projeto de pesquisa, e o que proporciona para a pesquisa. Desta forma, buscamos subsídios teóricos para sistematizar as informações sobre o tema a ser pesquisado e contribuir para a memória cidadina acerca de sua história fabril. Reconstruir cenários vividos pelos trabalhadores dentro da fábrica, bem como suas experiências adquiridas. Quanto aos resultados, ainda é prematuro delinear considerações de caráter conclusivo, pois a pesquisa teve seu início em março de 2012, como proposta para a dissertação de mestrado, ainda não foi realizada nenhuma entrevista até o presente momento.

Palavra-chave: Patrimônio industrial; História oral; Classe operária.

Introdução:

O presente trabalho, intitulado “A história oral no estudo do patrimônio industrial na cidade do Rio Grande – RS”, insere-se no tema do VI colóquio latino-americano sobre recuperação e preservação do patrimônio industrial, cuja temática a ser abordada refere-se à linha de pesquisa “temática 03- Patrimônio imaterial e mundos do trabalho: artes e ofícios, “expertise” e produção tradicional, memórias do trabalho e organização operária”.

No texto, abordaremos uma contextualização sobre a cidade de Rio Grande, que julgamos necessária, devido a ser o local em que situa-se a Fábrica Rheingantz. Contaremos uma breve história sobre esta fábrica que tem grande importância histórica para o município e sua população.

Através deste caso, introduziremos a metodologia e conceitos sobre a História Oral, como ela é utilizada em projeto de pesquisa, o que é necessário para fazer a história oral, o que é história oral, e o que ela proporciona para a pesquisa. Iremos recorrer

aos autores como Meihy (2010), Portelli (2010), Delgado (2006), Thomson (200?) e Benjamin (s.d.), para apresentar a história oral, a sua importância, e como ela acontece.

Abordaremos sobre Patrimônio Industrial, visto que é um tema que contextualiza a Fábrica Rheingantz, que é nosso foco de pesquisa. Assim, possibilita relacionarmos o patrimônio industrial e a História Oral, através da identificação de fontes orais e assim possamos preservar a memória coletiva dos ex-funcionários.

Busca-se contribuir para a memória cidadina acerca de sua história fabril. Reconstruir cenários vividos pelos trabalhadores dentro da fábrica, bem como suas experiências adquiridas. Quanto aos resultados, ainda é prematuro delinear considerações de caráter conclusivo, pois a pesquisa teve seu início em março de 2012, como proposta para a dissertação de mestrado, ainda não foi realizada nenhuma entrevista até o presente momento, mas aplicaremos ainda no primeiro semestre de 2012.

A cidade do Rio Grande

O município da cidade do Rio Grande está localizado na planície costeira do estado do Rio Grande do Sul, tem como limites ao norte: município de Pelotas e Lagoa dos Patos; ao sul: município de Santa Vitória do Palmar; Leste: Oceano Atlântico e canal do Rio Grande; Oeste: municípios de Pelotas, Arroio Grande e Lagoa Mirim, e está a 242 km de distância da capital Porto Alegre.

A história de fundação do município de Rio Grande remonta a chegada de portugueses e espanhóis ao território rio-grandense. Tal fato foi marcado pela construção do presídio Jesus-Maria-José pelo então Brigadeiro José da Silva Paes, datado em 19 de fevereiro de 1737. A partir disso, teve-se uma nova fase de colonizações portuguesas no litoral do Rio Grande do Sul por meio de bases estratégicas aliadas à Laguna (fundada anteriormente), em Santa Catarina.

Dez anos mais tarde, em 1747, Rio Grande de São Pedro elevou-se a categoria de vila, que, com o passar do tempo, Portugal sentiu a necessidade de transferir mais pessoas ao povoado em ligeira expansão. Foi então que chegaram os ilhéus provenientes das Ilhas dos Açores às terras do sul, logo ocupados com as atividades

agrícolas. Entretanto, outra presença étnica de destaque no processo de colonização do município, e do Estado, foram os negros.

O avanço econômico por meio das charqueadas proporcionou um desenvolvimento regional do eixo Pelotas – Rio Grande, no qual o primeiro era o principal responsável pela produção do produto e o segundo o meio de exportação para o centro do Brasil e Europa. Segundo Martins (2005) o enriquecimento dessas cidades com capital oriundo do comércio exterior do século XIX, aliado ao capital bancário, estaria na gênese industrial de Rio Grande, posterior a década de 1870.

A industrialização em Rio Grande

A industrialização chegou ao Brasil durante a República Velha (1889/1930) na tentativa de incluir a economia brasileira na divisão internacional do trabalho.

A primeira fase industrial brasileira incluiu Rio Grande, que “conseguiu atrair investimentos fabris em setores diversos, embora ligados às indústrias de bens de consumo” compreendendo “as indústrias têxteis, as cordoarias, a fábrica de calçados, a fabricação de alimentos em conserva, os biscoitos, a fábrica de charutos e os moinhos de farinha” (MARTINS, 2005: 9). Tais fábricas, segundo este autor, instalaram-se na cidade devido à proximidade com o porto, para fins de exportação, movimentando a economia regional.

Além disso, essas instalações trouxeram consigo características cosmopolitas que ficaram intrinsecamente ligadas à história da cidade, ainda mais com o contínuo aporte de imigrantes (MARTINS, op. cit.). A cidade começa a expandir-se rapidamente por meio de grandes instalações dos parques fabris juntamente a urbanização e incremento populacional. Junto à primeira fase industrial ainda formou-se a distinção social: elite cidadina e a classe operária.

Fábrica Rheingantz

A Fábrica que iremos descrever é a Rheingantz, indústria têxtil fundada pelo comerciante Carlos Guilherme Rheingantz, como a primeira fábrica de tecidos do

estado do Rio Grande do Sul, em 1873 e que marca o início da industrialização na cidade do Rio Grande, conforme apresenta PAULITSCH (2008, p.55):

Em novembro de 1873, Carlos Guilherme Rheingantz funda com seu sogro, Comendador Miguel Tito de Sá, e Herman Vater, de nacionalidade alemã, a Fábrica Nacional de Tecidos e Paos de Rheingantz & Vater, com um capital de 90 contos de réis, a primeira do Rio Grande do Sul. A Fábrica iniciou as suas atividades em 1874, ainda produzindo em pequena escala. [...] A Sociedade com seu sogro Miguel Tito de Sá não teve muita duração, e logo em seguida Carlos Guilherme Rheingantz assumiu o ativo e o passivo da fábrica, que passou a denominar-se Fábrica Nacional de Tecidos de Lã de Rheingantz & Cia., nas mesmas instalações. [...] Em 27 de outubro de 1883, Rheingantz recebe a comenda da Ordem da Rosa, por decreto imperial, em reconhecimento ao seu trabalho pioneiro que promoveu o surgimento e a implantação da indústria de lã no Brasil.

A Rheingantz foi uma empresa com grande destaque na história brasileira, pois marca o pioneirismo da produção de lã e na fiação penteada para a fabricação de tecidos finos, demonstrando o empenhimento de seus dirigentes.

Inicialmente, a Fábrica localizava-se em frente à cadeia da cidade, porém em fevereiro de 1885, a construção do novo edifício ficou pronta, passando para o endereço que atualmente é conhecido como Av. Presidente Vargas.

A medida que os investimentos na estrutura cresciam, os benefícios aos seus funcionários também se expandiam, como a Política Habitacional, Grupo Escolar, Jardim de infância, Cassino ou Clube dos Mestres, Ambulatório Médico, Armazém Cooperativo. Com a política habitacional foi construída a Vila Operária, constituída de casas enfileiradas destinadas para os operários, casas isoladas para os Mestres e técnicos. Os funcionários assinavam o contrato de locação, e um termo de compromisso para integrar o grupo de combate à incêndio, com a responsabilidade de prestar assistência e treinamento em caso de sinistro. O auxílio educacional era destinado aos filhos dos funcionários. A atividade de ensino funcionava aos domingos para dar instrução aos meninos que trabalhavam na fábrica. Com o crescimento do número de estudantes houve a construção de uma escola com o calendário regular.

Conforme Paulitsch (2008, p.65) a falência da companhia (1968) “deu-se pela concorrência de confecções e magazines que importavam lã e produtos do Uruguai a preços mais baixos.” A Fábrica foi vendida em 1970, a um grupo de Pelotas da Família Loréa, que ficou com 81% das ações, e os 19% restantes ficaram com os operários, como forma de indenização pela falência e desemprego em massa. Houve uma tentativa de manter a produção, mas sem sucesso. Atualmente encontra-se sem nenhuma atividade produtiva.

A História desta grande industria foi responsável por abrigar centenas de famílias que trabalharam para sustentar seus lares e que contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Atualmente o cenário é deprimente, pois os prédios estão em ruínas, embora ainda seja um local de referência para os habitantes da cidade.

Atualmente o prédio edificado está em total abandono, porém muitas histórias são contadas por uma grande parcela da população, a qual possui algum familiar que já trabalhou nesta fábrica. A classe operária, conforme relata Martins (2004), foi fundamental para o desenvolvimento e a produtividade desta industria. Eles trabalhavam em média 10 horas diárias, eram responsáveis pelo desenvolvimento da região, como também pela expansão da fábrica. Se faz necessário ouvir esses ex-operários, pois a história é feita de fatos e de pessoas, para que possam contribuir para preservar a memória, a história da Fábrica Rheingantz, assim como destes trabalhadores, que de certa forma contribuíram para a construção do patrimônio industrial da cidade do Rio Grande

Patrimônio industrial

O patrimônio industrial está ligado a história das indústrias, das quais são englobadas diversos olhares sob o mesmo local. Podemos nos deter em questões que referem-se aos edifícios que abrigam estas fábricas, ou sobre as máquinas que produzem seus produtos; como também a logística para a qual funciona esse empreendimento ou sobre o local que são desenvolvidas as atividades sociais que estão relacionadas com a fábrica, bem como as pessoas que trabalham na mesma, onde moram, onde estudam, onde vivem.

Desta forma faz-se necessário relacionar o patrimônio industrial com o cultural, pois através das pessoas que trabalham nestes locais, é possível obter o testemunho histórico das atividades desenvolvidas no interior da fábrica, nesse caso a Fábrica Rheingantz.

O patrimônio industrial, conforme Azevedo (2010, p.19):

representa, portanto, o testemunho de atividades que tiveram e que ainda tem profundas consequências históricas. As razões que justificam a proteção do patrimônio industrial decorrem essencialmente do valor universal daquela característica, e não da singularidade de quaisquer sítios excepcionais.

Através da aplicação da metodologia da história oral, no estudo de Patrimônio industrial, no caso os ex-funcionários da Fábrica Rheingantz, tem-se acesso “aos registros intangíveis contidos na memória dos homens e de suas tradições” (AZEVEDO op.cit.) que fazem parte da história do patrimônio industrial local.

Através das lembranças desses ex-funcionários que estamos propondo estudar, temos as teorias sobre a memória coletiva revivida e, conforme Ferreira (2002, p.1) “produzida sobre um lugar de trabalho e vivência social, investido de significados coletivamente compartilhados (...) [e tem] elemento evocador e retentor de tempos de recordações, mas também outros sinais como a sonoridade, os odores, os percursos que se refazem a partir da lembrança”. Assim conseguiremos reviver lugares de memória, em que estas pessoas dedicaram suas vidas na execução das tarefas dentro da Fábrica.

História Oral

Entende-se por história oral que são procedimentos, manifestações, em que depende das pessoas para que aconteça, com auxílio da tecnologia, mas principalmente ouvir o que as pessoas têm para contar sobre as suas vivências, experiências, memórias.

O Conceito de História oral, segundo Meihy (2010, p.64):

História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada pela vivência social.

Enquanto que para Delgado (2006, p.15):

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões; factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

Outro conceito que também trouxemos é sobre Fonte oral, visto que é um produto das entrevistas e da própria história oral. Segundo Meihy (2010, p.13):

Fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido estrito.

Para o próprio Meihy (2010, p.64) a entrevista: “são diálogos efetuados para instruir temas de argumentos nebulosos ou informativos e seu alcance muitas vezes se esgota nisso”. E, segundo ele, existe uma diferença básica entre entrevista e história oral. A entrevista serve para dar subsídios a outros tipos de documentos, enquanto que a história oral é a centralização das narrativas que se constituem em objeto central das atenções.

Outro fator importante na história oral, além da experiência trocada entre o entrevistado e o entrevistador, são as memórias, pois elas reportam a um passado. Conforme mostra Portelli (2010, p.11):

Quando falamos em memória, não falamos de um “espelho do passado”, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado. É agora que recordamos, é hoje que falamos do passado, que contamos o passado. É a memória não é só um espelho de fatos, mas um fato histórico: a própria memória é um fato histórico em si. Não há apenas uma memória da

história, há também uma história da memória: como muda, no curso do tempo, a maneira de recordar fatos históricos.

A utilização de história oral em projetos de pesquisa, pode ser justificado através do que afirma Portelli (2010, p.3):

a oralidade é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam (...) Buscamos fontes orais porque queremos que vozes, – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente.

Para realizar a história oral, o ponto de partida das entrevistas, segundo Meihy (2010, p.14):

Os procedimentos são feitos no presente com gravações e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos. (...) Entrevista oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral. A história é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista.

Para utilizarmos a história oral em projetos de pesquisas, temos em mente que é necessário, de acordo com (Meihy, 2010, p.15).

- elaboração de um projeto, para que possa ser respondidas as questões como: “de quem?, como? E por quê?”
- estabelecimento do grupo de pessoas a ser entrevistadas
- planejar as gravações e os seus papéis: entrevistado e entrevistador
- definição de locais da realização das entrevistas
- tempo de duração das gravações
- fatores ambientais
- transcrição e estabelecimento de textos
- conferência do produto escrito
- autorização para o uso
- arquivamento

O autor recomenda que sempre que for possível os resultados devem ser publicados como também retornar ao grupo entrevistado. Isto serve para que o pesquisador assuma a responsabilidade de dar o retorno para as pessoas que contribuíram e que participaram do estudo.

O papel de narrador, segundo Benjamin ([s.d.], p.201): “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”

Assim o narrador e o ouvinte:

Não se percebe devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é denominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com desaparecimento dessas coisas com o poder da morte. Não admira que para um personagem, de Leskow, um simples homem do povo, o czar, o centro do mundo e em torno do qual gravita toda a história, disponha de uma memória excepcional. Nosso imperador e toda a sua família tem como efeito uma surpreendente memória. (BENJAMIN, op.cit):

A história oral trabalha com a memória das pessoas. Os entrevistados quando falam estão num tempo presente, porém a recordação, as lembranças acontecem num passado distante, e que podem sofrer influência devido as suas experiências de vida que aconteceram no decorrer do tempo, pois é sob esse novo olhar que vai rememorar o que já passou.

A história oral serve para obter fontes de informações orais, como também complementar documentos bibliográficos encontrados, e que através de entrevistas podem ser esclarecidos, explicados determinados detalhes do assunto a ser pesquisado.

A história oral, segundo Thomson (s.d., p. 344):

Mesmo quando existem fontes documentais produzidas e preservadas por membros de comunidades migrantes, a evidência

oral pode atuar como um 'corretivo poderoso'. Ela também pode proporcionar uma afirmação positiva de identidade para o narrador, para os membros de uma comunidade particular e para o mundo lá fora.

Falar de memória e aplicada a história oral, visto que a proposta é de entrevistar ex-funcionários da Rheingantz, tem-se presente que “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 2004, p.75), ou seja, as pessoas lembrarão de uma época vivida no passado, porém com a bagagem de suas experiências de vida.

Conclusão

O presente artigo teve como finalidade abordar a história oral, desde os seus conceitos, até o que ela pode contribuir para o estudo sobre patrimônio industrial. Foi possível apresentar a história do Rio Grande, contextualizar seus aspectos históricos e importantes que contribuem enquanto cidade histórica e que faz parte do patrimônio industrial brasileiro.

Em relação a História oral, trouxemos análises uma de Prins e outra de Stephanous, que trazem referências a tradição oral e sua utilização.

Os principais problemas do uso e mau uso da tradição oral, segundo Prins (1992, p.171):

Estão relacionados às tradições não apreendidas de modo automático: as epopéias e as narrativas. A forma fixa da épica implica que a maior parte da épica africana é narrativa nesta esquematização.

As evidências orais para Stephanou (2005, p.419):

(...) as evidências orais servem para preencher lacunas. Ao referirmos o estatuto próprio da memória e das evidências orais estamos propondo um rompimento com a hierarquização dos documentos, de modo que os cuidados necessários para com os documentos de memória, nos mais variados suportes, são extensivos a todos os demais documentos. Podemos pensar na ideia de redes de

referências cruzadas ou contrastações entre diferentes documentos muito mais do que em confrontos para validação ou refutação de verdades.

Através da história oral é possível encontrar fontes orais para reconstituir lugares de memória, e que trazem benefícios em relação a esclarecimentos sobre determinados lugares, determinadas situações em que não conseguimos esclarecer através dos documentos bibliográficos. Assim, estas pessoas são testemunhos de acontecimentos que precisam ser ouvidos, registrados e preservados e que deverão ser estudados, como também complementar os documentos escritos.

Em relação ao patrimônio industrial na cidade do Rio Grande, temos uma cidade rica em história, em fatos históricos, em monumentos históricos, e a sua trajetória industrial nos mostra que o caso da Rheingantz foi pioneiro em tecnologias implantadas no Brasil. Através desta escolha, buscamos preservar a história desta importante fábrica através da oralidade, permitindo que ex-funcionários possam ser escutados, investigados com base na metodologia que a História oral oferece para embasar a pesquisa a ser feita.

Não tivemos o intuito de esgotar o assunto, e sim abordar alguns tópicos sobre a história oral, patrimônio industrial, e que certamente aprofundaremos os estudos para a realização da dissertação do mestrado.

Bibliografia

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Patrimônio industrial no Brasil**. In: usjt – arq.urb, n.3, jan-jul.2010.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas** : magia e técnica, arte e política. Ed. Brasiliense.

DELGADO, Lucélia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Os três apitos**: memória coletiva e memória pública, fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950 – 1970. 2002. Tese (Doutorado)

Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio industrial**: lugares de trabalho, lugares de memória. In: MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO, UNIRIO, v.1, n.1, jan/jun de 2009. (p.22-35). Disponível em:< <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.22.br/index.php/ppgpmus>.> Acessado em 20 de out. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MARTINS, Solismar Fraga. **O papel da cidade do Rio Grande (RS) na economia Rio-grandense durante a industrialização dispersa (1873/1930)2005**. Disponível em: <<HTTP://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e6-02.pdf>>. Acessado em 24 abr. 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe B. , HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PAULITSCH, Vivian S. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande: FURG, 2008.201p.

PORTELLI, Alessandro. **História oral e poder**. In: Mnemosine, v.6, n.2, p.2-13 (2010).

PRINS, Gwyn. **História oral**. In: Burke, Peter (org). A escrita da história, novas perspectivas. São Paulo; UNESP, 1992. P.163-198.

STEPHANOU, MARIA; BASTOS, Maria Helena Camará (org). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. V.III, sec. XX. Petrópolis; Vozes, 2005.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras**: história oral e estudos de migração. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v.22, n.44, p.341-364.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **Rio Grande**: Geografia física, humana e econômica. Porto Alegre: Sagra, 1983.